
CAROLINA NOURY

ESCOLA SUPERIOR DE DESENHO INDUSTRIAL,
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

RIO DE JANEIRO BRASIL.

CAROLINANOURY@GMAIL.COM

A feralidade cartonera, um efeito não anunciado do Antropoceno remendado

La ferocidad cartonera, un efecto no anunciado del Antropoceno parchado

O cardboard ferocity, an unheralded effect of the patched Anthropocene

Resumo. Vivemos uma época de catástrofes marcada por uma crise ambiental que ameaça a possibilidade de muitas vidas na Terra, inclusive a dos seres humanos. Esses impactos causados pela interferência do ser humano no planeta indicam o surgimento de uma nova época geológica chamada Antropoceno. Neste trabalho busco compreender o lixo, um dos atores que interferem no aquecimento da temperatura global, não como um problema, mas como um bem comum. A partir da perspectiva de Antropoceno remendado proposto por Anna Tsing no Feral Atlas, procuro seguir os rastros de contaminação do lixo e os eventos ferais que emergem a partir dessa entidade, como a prática cartonera. A feralidade cartonera não está na sua resistência à domesticação imposta pelas leis do mercado editorial, mas, sobretudo, pela aliança construída entre os diferentes atores envolvidos no processo simbiótico de fazer-com que possibilita a criação de novos territórios e novas formas de projetar e viver.

Palavras-chave: prática cartonera, lixo, feralidade, Antropoceno remendado.

Resumen. Vivimos en una época de catástrofes marcada por una crisis ambiental que amenaza la posibilidad de muchas vidas en la Tierra, incluidos los seres humanos. Tales impactos provocados por la interferencia humana en el planeta indican el surgimiento de una nueva época geológica, denominada Antropoceno. En este trabajo busco entender la basura, uno de los actores que interfieren en el calentamiento global, no como un problema, sino como un bien común. Desde la perspectiva del Antropoceno parchado, propuesta por Anna Tsing en Feral Atlas, trato de seguir las huellas de la contaminación por basura y los eventos salvajes que emergen de esta entidad, como la práctica cartonera. La ferocidad cartonera no radica en su resistencia a la domesticación que imponen las leyes del mercado editorial, sino, sobre todo, en la alianza que se construye entre los diferentes actores involucrados en el proceso simbiótico de hacer-con que posibilita la creación de nuevos territorios y nuevas formas de diseñar y vivir.

Palabras clave: práctica cartonera, basura, feralidad, Antropoceno parchado.

Abstract. We live in a time of catastrophe marked by an environmental crisis that threatens the possibility of many lives on Earth, including humans. Such impacts caused by human interference on the planet indicate the emergence of a new geological epoch, called the Anthropocene. In this paper I seek to understand waste, one of the actors interfering with global warming, not as a problem, but as a common good. From the perspective of the patched Anthropocene, proposed by Anna Tsing in Feral Atlas, I try to follow the traces of rubbish pollution and the wild events that emerge from this entity, such as the practice of cartonera. The ferocity of cartonera lies not in its resistance to the domestication imposed by the laws of the publishing market, but, above all, in the alliance that is built between the different actors involved in the symbiotic process of making-with that makes possible the creation of new territories and new ways of designing and living.

Keywords: cartonera practice, rubbish, ferality, patched Anthropocene.

Fecha de recepción: 02/05/2022

Fecha de aceptación: 15/06/2022

Cómo citar: Noury, C. (2022).

A feralidade cartonera, um efeito não anunciado do Antropoceno remendado

RChD: creación y pensamiento, 7(12), 105-116.

<https://doi.org/10.5354/0719-837X.2022.67634>

Revista Chilena de Diseño,

rchd: creación y pensamiento

Universidad de Chile

2022, 7(12).

<http://rchd.uchile.cl>

Introdução: a prática cartonera e a potência do lixo

A lata de lixo é uma embarcação que transporta seus resíduos em uma primeira etapa de uma viagem global (Mark Sugarman, *Feral Atlas*).

A epígrafe que abre esse texto relaciona o descarte de lixo a etapas de uma viagem em torno do globo terrestre. A expressão “jogar o lixo fora” não existe, o lixo está dentro. No máximo está fora do alcance dos olhos – de alguns. O lixo, não importa se quando recolhido ou não, raramente permanece no lugar (Sugarman, s.d.). Nos caminhos que percorre ao longo da viagem global, o lixo vai liberando resíduos transformando terra, ar, fogo e água em fornecedores de toxinas. Assim, a riqueza comum do mundo é contaminada pelo lixo que produzimos.

Diante da crise climática que vivemos — que pode ser entendida como uma crise humanitária —, até mesmo para esses que ainda parece haver um fora, o dentro se torna cada vez mais evidente. Um dos efeitos da globalização é que vivemos em um mundo comum, “um mundo que, para o bem e para o mal, todos compartilhamos, um mundo que não tem um ‘fora’” (Hardt & Negri, 2016, p. 7).

O lixo, fonte de emissão de carbono e metano, tem relação direta com as mudanças climáticas, sendo também um dos atores responsáveis pelo aquecimento do planeta, principal tema que foi discutido na última Conferência das Nações Unidas sobre as Mudanças Climáticas (COP26). Realizada em novembro de 2021, na cidade de Glasgow, na Escócia, a conferência contou com a presença de líderes mundiais de mais de 190 países que se reuniram para discutir planos de ação para limitar o aquecimento da Terra.

Apesar de contar com a presença de lideranças indígenas — que teve uma das maiores participações em uma COP, pressionando diplomatas do mundo todo para conter as atividades responsáveis pelo aquecimento — essas lideranças não participam das discussões e decisões que são restritas aos líderes das economias globais. O relatório final da cúpula não atende à urgência das mudanças climáticas. Além de não rever o Acordo de Paris que previa um financiamento para os países mais vulneráveis enfrentarem a crise climática, o texto não estabelece uma meta satisfatória para o aumento da temperatura global nas próximas décadas, uma das principais ameaças à permanência da vida humana no planeta.

Segundo especialistas, as promessas climáticas apresentadas pelos países não são suficientes para conter um aumento de 2,7°C da temperatura global até o final do século, índice muito acima do estabelecido no Acordo de Paris, que previa um aquecimento global abaixo de 1,5°C neste século. De acordo com especialistas, uma elevação dessa magnitude seria um desastre para a humanidade e muitas espécies e habitats do planeta.

A catástrofe climática não é um problema do futuro, ela está acontecendo agora. Para alguns, a mudança climática já é uma questão de vida ou morte, como destacou o primeiro-ministro britânico Boris Johnson durante a conferência. Uma das ações necessárias para um controle do aumento da

temperatura global é a redução da emissão de gases que provocam o efeito estufa.

O lixo é um dos atores responsáveis pelas mudanças climáticas que vivemos com as emissões de carbono e com o aquecimento global. De acordo com o texto produzido pelo Núcleo de Gestão Ambiental da Câmara dos Deputados, a correta reciclagem pode contribuir para evitar o aquecimento global:

A reciclagem evita a realização de uma parte significativa dos processos de produção. A maioria dos processos produtivos emite sempre, direta ou indiretamente, partículas de gás carbônico, que é o mais nocivo dos gases do efeito estufa (entre eles estão ainda o metano CH₄, o óxido nítrico e vapores de água). Assim, toda vez que se elimina uma parte dos processos produtivos, é feito um controle sob as formas responsáveis pelo aquecimento global. (Núcleo de Gestão Ambiental da Câmara dos Deputados, 2007)

Diante dessa problemática, o objetivo desse artigo é refletir sobre as possibilidades de aliança com o lixo, o bem comum deste século, através da prática cartonera, uma prática de sustentabilidade e de amor. Não acreditamos que o trabalho das cooperativas de catadores de materiais recicláveis, isoladamente, seja suficiente para controlar e reduzir o aquecimento global, mas sim entendendo o lixo como uma herança e a possibilidade de criar novos territórios a partir da prática cartonera.

Na perspectiva do Antropoceno remendado, que considera os diferentes efeitos causados pelas mudanças climáticas e pelo capitalismo de acordo com a localidade e os diferentes grupos afetados, entendemos que os efeitos causados pelo lixo não atingem todos da mesma forma e que, em alguns casos, pode ter um efeito positivo ao invés de destrutivo.

Como percurso metodológico, utilizamos o *Feral Atlas*, o *antropocenos mais-que-humano*, de Anna Tsing (2021), que busca uma descrição melhor do Antropoceno em todos seus fragmentos e manchas defendendo que “uma antropologia mais-que-humana pode [...] refazer as mudanças climáticas, assim como outros fenômenos do Antropoceno” (Tsing, 2021, p. 178). O *Feral Atlas* pensa o Antropoceno a partir de um recorte histórico dos últimos 500 anos. Segundo Chiodi,

a tradução “remendado” pode não ser a ideal, mas é um esforço de alcançar três de suas principais características. Primeiramente, rebater a ideia de um Antropoceno que só possa ser entendido de modo global, apagando seus aspectos locais e a diferente gravidade com que as mudanças climáticas atingem diferentes habitantes da terra, humanos e não-humanos. Em segundo lugar, o termo reage a uma crítica de que estudar não-humanos revelaria uma falta de preocupação com justiça social. Um Antropoceno remendado exige atenção às diferenças de classe, território, raça, gênero, etnia e espécie. Por fim, a dimensão espacial, para além da temporal, que esse outro Antropoceno exige (uma das razões pela escolha de um Atlas, talvez). São pelas paisagens

modificadas que poderemos ver as infraestruturas e eventos ferais.
(Chiodi, 2020, p. 5)

A utilização do Feral Atlas como percurso metodológico se justifica na medida em que buscamos pensar os efeitos do lixo dentro de um recorte temporal e geográfico, a partir das alianças que os núcleos cartoneros fazem com o lixo, e discutir os efeitos não previstos dessa mancha do Antropoceno, o seu efeito feral.

Para isso, procuramos abordar e compreender o lixo não como um problema, mas como um bem comum a partir da prática cartonera, em especial ao coletivo Dulcinéia Catadora, uma prática que transforma não só o lixo em livro, mas também a vida de todos que participam. Em um segundo momento, relacionamos essa potência de transformação ao efeito feral não previsto do Antropoceno. Apresentamos a feralidade da prática cartonera a partir do Feral Atlas e identificamos os detonadores, tippers e qualidades ferais que podemos encontrar nessa prática.

1. Lixo: problema ou bem comum?

Desde 2003, quando surgiu a primeira editora cartonera na Argentina, Eloísa Cartonera, a prática cartonera vem se espalhando pelo mundo, principalmente na América Latina. O último levantamento realizado pela Malha Fina Cartonera, em 2016, identificava 114 cartoneras pelo mundo, sendo 96 delas na latinoamericanas. Esse poder de contaminação para a formação de novos núcleos cartoneros deu à Eloísa Cartonera o título de mãe das cartoneras.

Cada uma delas possui suas particularidades, mas, em comum, todas as cartoneras rompem com a lógica de produção editorial colonialista capitalista. Os livros são produzidos a partir de um material que seria descartado, o papelão, que volta a ser reintegrado no ciclo produtivo. É uma forma original de confeccionar livros como um instrumento de resistência e crítica às práticas tradicionais, comerciais, nas mãos do mercado editorial. Os livros não fazem parte de um negócio que visa o lucro, nem mesmo a relação com os escritores é comercial. “Baseia-se na troca de experiências e vivências, na cumplicidade de uma postura de resistência, no trabalho conjunto, no processo”, afirma Lúcia Rosa (2016), uma das integrantes do coletivo Dulcinéia Catadora, primeira cartonera brasileira.

O papel do coletivo [Dulcinéia Catadora] é de resistir, de traçar caminhos paralelos ao mercado editorial, de cavar oportunidades, tornar acessível o trabalho de escritores novos e buscar novas propostas literárias, textos experimentais. [...] Não visar ao lucro é a chave para a nossa liberdade de escolher autores sem ter a garantia de que seus livros vendam bem. [...] E mais, estar livre dos canais de distribuição, das negociatas com livrarias, das estratégias de marketing significa pensar na qualidade do texto literário, dar vez aos escritores que estão se firmando. [...] A liberdade é nosso diferencial, em relação às editoras estabelecidas (Rosa, 2016).

As redes cartoneras são formadas por uma multiplicidade de atores: artistas, catadores, escritores, lixo, papelão, o que proporciona uma troca muito

rica entre os participantes, humanos e não-humanos. O principal objetivo não é o resultado em si, mas o processo que envolve e possibilita a troca entre todos os envolvidos. Um processo baseado no fazer com outros, coletivamente, junto, com toda multiplicidade de saberes. O livro cartonero é o que emerge desse encontro caótico, uma articulação entre diferentes mundos.

A partir desse encontro multiespécie e das alianças construídas no processo simpoiético do fazer-com,¹ esses seres acabam criando possibilidades de florescimento. Wellington Cançado (2019) destaca que para uma efetiva abordagem multiespécie é necessário incluir, além de todas as espécies de animais e plantas, todas as vidas humanas que continuam de fora do projeto antropocêntrico de desenvolvimento, que estão nas “margens indomáveis”. Nesse sentido, podemos pensar as práticas cartoneras como núcleos de inserção desses humanos comumente marginalizados, os catadores.

Os livros cartoneros são um instrumento que dão voz a esses humanos nas “margens indomáveis” e trazem a possibilidade de contar outras histórias ou histórias que foram silenciadas. Recuperando o pensamento da antropóloga Marilyn Strathern, Donna Haraway (2016) diz “importa que histórias a gente conta para contar outras histórias. Importa que histórias fazem mundos e que mundos fazem histórias”.² A prática cartonera é esse lugar possível de contar outras histórias e de dar voz àquelas que foram silenciadas e apagadas e, assim, construir outros mundos possíveis (Noury, 2021a).

Ao dar voz a essas vozes silenciadas, as cartoneras afirmam uma multiplicidade de mundos indo de encontro ao projeto moderno neoliberal de construção de transformação dos muitos mundos existentes em um único mundo. Assim, as cartoneras avançam e contribuem para as lutas ontológicas, pelas lutas em defesa do pluriverso.

Nesse império produtor de ruínas do Antropoceno, Anna Tsing (2015) observa a presença de um ambiente possível para viver. Os cogumelos matsutake, uma iguaria japonesa, brotam nessas ruínas, nas margens indomáveis do sistema, onde surge a possibilidade da vida. Observar os coletores de cogumelo é perceber as costuras do capitalismo global, a potência da vida que brota nas frestas do sistema.

Assim como o cogumelo matsutake que floresce em um ambiente de precariedade, é também em um ambiente de precariedade que funciona a cartonera brasileira, Dulcinéia Catadora. Em uma pequena sala localizada dentro de uma cooperativa de catadores de materiais recicláveis, embaixo de um dos maiores anéis rodoviários da “terra da garoa”,³ entre os barulhos das máquinas de pensar lixo e dos carros que passam acima das cabeças, das poças que se formam da água que pinga das frestas do viaduto; é nesse espaço que se encontra a força capaz de gerar outros modos de vida.

O coletivo hoje é formado por Lúcia Rosa e pelas catadoras da cooperativa de materiais reciclados Cooper Glicério, Maria Aparecida Dias da Costa (presidenta da cooperativa), Andreia Ribeiro Emboava (secretária e administradora da cooperativa) e Eminéia Silva Santos, além das parcerias

1. Para Haraway, simpoiese é uma palavra para fazer mundo-com (*worlding-with*). “Nada faz em si; nada é realmente autopoiético ou auto-organizador. Nas palavras do ‘jogo mundial’ do computador Inupiat, os terráqueos nunca estão sozinhos. Essa é a implicação radical da simpoiese” (Haraway, 2016, p. 58, tradução própria). Assim, podemos pensar a prática cartonera como uma prática simpoiética (Noury, 2021a).

2. “Importa pensar sobre o que pensamos para pensar; importa quais histórias contamos para contar outras histórias; importa quais nós fazem nós, que pensamentos pensam pensamentos, que descrições descrevem descrições, que laços amarram laços. Importa que histórias fazem mundos e que mundos fazem histórias” (Haraway, 2016, p. 12, tradução própria).

3. Terra da garoa é o apelido dado à cidade de São Paulo no início do século XX pela frequência com que chuviscava na cidade. Hoje, apesar da garoa já não ser tão frequente, devido não só às alterações climáticas, como também às alterações arquitetônicas e urbanísticas da cidade, o apelido permanece.

que vão se formando a cada projeto editorial. Em uma visita realizada em março de 2020, uma semana antes iniciar o isolamento por conta da pandemia de COVID-19, tive a oportunidade de conhecer a cooperativa e as integrantes do coletivo. Uma visita que me afetou e que resultou em um ensaio publicado na revista *ClimaCom* (Noury, 2021c).

O odor que exala de uma cooperativa de materiais recicláveis é de chorume, líquido resultante da decomposição de materiais orgânicos. Apesar de desagradável, chorume também traz outros significados. É sinônimo de abundância, de opulência. Chor, em sua etimologia, significa flor em português arcaico. O chorume vindo exclusivamente da decomposição de matéria orgânica é um fertilizante natural. Da mesma forma, os núcleos cartoneros são espaços de regeneração, da vida e do ambiente. O escritor Douglas Diegues destaca a potência desses coletivos e torce para que “Yiyi Jambo [cartonera paraguaia] e outras cartoneras sigam brotando como flor na bosta das vacas nas fronteiras e das crises econômicas e das crises de imaginação desde Curepilândia a Sonosorlândia” (Diegues, 2019). As práticas cartoneras são adubos para o florescimento de outras maneiras de projetar e de habitar mundos.

O lixo é um problema compartilhado por diversas populações, um problema comum. Em geral, o termo “comum” se refere aos recursos da natureza como água, terra e ar. O bem comum é aquilo que pode ser compartilhado por todos, uma espécie de herança da humanidade. É difícil ter consciência do comum em um mundo colonialista capitalista, uma vez que a política neoliberal incentiva a privatização de recursos e riquezas, transformando-os em propriedade privada.

Ao mesmo tempo em que o sistema capitalista busca privatizar os bens comuns, ele também possibilita a expansão do comum; são as contradições do sistema. O capital é uma relação social que depende da produção de subjetividades para sobreviver e se desenvolver. A produção da subjetividade é o cerne da produção biopolítica,⁴ o projeto político de constituição do comum (Hardt & Negri, 2016).

Hardt & Negri (2016) ampliam o conceito de comum para além da riqueza comum do mundo material como ar, água, terra e incluem também os resultados da produção social como conhecimentos, imagens, códigos, informações, afetos. Podemos considerar também fazer parte do bem comum, o lixo, uma vez que ele faz parte da produção social e também está presente nos recursos da natureza. Sendo a humanidade herdeira dessas riquezas, o que devemos fazer então com essa herança?

2. O efeito feral das cartoneras

O termo feral utilizado aqui é uma referência ao Atlas Feral: o Antropoceno mais-que-humano, editado em 2021 pela antropóloga Anna Tsing, em parceria com outros pesquisadores, acadêmicos, artistas, escritores, e publicado pela Stanford University Press.

O Atlas apresenta uma perspectiva de Antropoceno remendado que seria “capaz de reconhecer manifestações locais e os modos profundamente

4. Foucault desenvolve o conceito de biopolítica para marcar o momento em que a vida biológica se torna objeto de política, ou seja, quando a vida passa a ser produzida, administrada e controlada pelo Estado, que exerce seu poder sobre determinadas parcelas da população. População é o novo conceito utilizado para dar conta da dimensão coletiva e se refere a um “novo corpo: corpo múltiplo, corpo com inúmeras cabeças, se não infinito pelo menos necessariamente numerável” (Foucault, 1999, p. 292). Nesse contexto há a produção de múltiplos saberes.

diferentes com os quais as mudanças climáticas e o capitalismo afetam diferentes espécies, territórios, mas também seres humanos de diferentes raças, gêneros, etnias e classes sociais” (Chiodi, 2020, p. 2). O principal objetivo é compreender como a relação entre humanos e não humanos⁵ ajuda a (trans)formar a paisagem do Antropoceno e não uma disputa pelo reconhecimento de uma nova era geológica marcada por registros geológicos que comprovariam a interferência da presença humana no planeta nem pelos marcadores que comprovariam tal interferência, sejam eles capitaloceno, plantatioceno e chthuluceno, por exemplo.

O projeto apresenta uma descrição melhor de Antropoceno a partir de uma perspectiva de um “Antropoceno remendado” que busca entender o Antropoceno levando em consideração os aspectos locais e não apenas de uma forma global, tendo em vista que o resultado da intervenção humana na Terra atinge de diferentes formas habitantes humanos e não-humanos.

Feral Atlas apresenta as relações das entidades ferais, entre elas o lixo, com as infraestruturas. O termo feral, em inglês, se refere a animais que escaparam da domesticação. No projeto, a feralidade não se refere à uma natureza intrínseca, mas à relação entre seres vivos e não vivos com as infraestruturas. O termo é utilizado para “destacar como seres vivos e não vivos podem ganhar novos poderes ao se associarem aos projetos humanos modificadores da terra, da água e da atmosfera que chamamos de infraestruturas” (Tsing, 2021, p. 177). O conceito de infraestrutura no Feral Atlas está associado aos projetos humanos que geram impactos sociais e nas paisagens que não foram planejados e que são de grande escala.

111

Pensar em infraestrutura, então, é uma maneira de chegar às características estruturais da transformação antropogênica da paisagem; estrutura é produzida à medida que essa transformação emerge de projetos sociais humanos de grande escala. Os não humanos também são perfeitamente capazes de transformar a paisagem, e um dos editores achou útil usar o termo infraestrutura para projetos não humanos, incluindo aqueles que não exigem humanos. Em Feral Atlas, no entanto, o termo infraestrutura leva os leitores a projetos humanos, mesmo que sua instanciação seja sempre mais que humana. (Tsing et al., 2020)

Os editores propõem pensar a infraestrutura a partir de três eixos, as unidades estruturais do Feral Atlas: detonador do Antropoceno, *tippers* (verbos) e qualidades ferais. Segundo o Feral Atlas, os “detonadores do Antropoceno são um incentivo para ver as infraestruturas como legados de desenvolvimentos históricos que mudam o mundo”. Em geral, essas mudanças trazem efeitos negativos para os seres humanos. Foram quatro conjuntos que desenharam a paisagem do Antropoceno nos últimos 500 anos: invasão, império, capital, aceleração.

Primeiro, a invasão das Américas pelos europeus abriu uma era de conquista intercontinental e colonialismo colonizador que continua a reverberar através do presente no projeto e implementação de infraestrutura. Em segundo lugar, a construção de impérios europeus e a governança colonial associada revolucionaram o transporte

5. Além das referências apresentadas neste artigo, as associações entre humanos e não-humanos (ou mais-que-humanos, ou além de humanos) tem sido tema de discussão entre muitos teóricos. Destaco aqui as pesquisas de Bruno Latour e sua teoria do ator rede (Latour, B. (2012). Reagregando o social: uma introdução à Teoria do AtorRede. EDUFBA) e de Tim Ingold, que traz a idéia de malha inspirado no emaranhado da teia de aranha (Ingold, T. (2015). Estar vivo: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição. Vozes).

e a engenharia, mostrando as possibilidades da infraestrutura como ferramenta de domínio de longa distância. Humanos e não humanos foram desapropriados, deslocados e enviados ao redor do mundo. Terceiro, o surgimento do capitalismo estimulou o projeto de infraestrutura para a implantação e acumulação de capital de investimento. Finalmente, a ascensão da hegemonia dos EUA e a Guerra Fria trouxeram à tona um conjunto de expectativas sobre a modernização internacional que acelerou e disseminou o desenvolvimento de infraestrutura em todo o mundo. (Tsing et al., 2020)

Os *tippers* são os modos de mudança de estado mediada pela infraestrutura. Eles demarcam uma ação pela qual as águas, terras e ares foram transformados por efeitos e eventos ferais, uma mudança nas paisagens causada pela infraestrutura. O Atlas destaca que “uma ‘mudança de estado’ é uma transição tão radical que as configurações iniciais dos elementos e a dinâmica relacional entre eles não mais se sustentam”, como por exemplo, a substituição de florestas pelas plantações.

As qualidades ferais se referem ao desenvolvimento de atividades de não-humanos propiciadas por projetos humanos, sejam eles intencionais ou não. Através deste eixo é possível entrelaçar histórias humanas e não-humanas e compreender como a feralidade do Antropoceno se espalha.

Na Tabela 1, vemos os três eixos que marcam a estrutura do Feral Atlas que nos ajudam a pensar a infraestrutura com destaque para os elementos da entidade feral “lixo”.

Tabela 1. Eixos do Feral Atlas com destaque para os elementos da entidade feral “lixo”

Detonador do Antropoceno	<i>Tippers</i>	Qualidades ferais
1. Invasão	1. Amontoar, multidão	1. Passageiros clandestinos da era industrial
2. Império	2. Pegar	2. Gosta de perturbação humana
3. Capital	3. Enredar	3. Incontível
4. Aceleração	4. Esvaziar, jogar fora	4. Parceiros
5. Canalizar	5. Ambiente Tóxico	
	6. Queimar	6. Cresce em condições de plantation
	7. Aumentar/diminuir a velocidade	7. Acelerado pelas mudanças climáticas
		8. Efeitos de legado
		9. Superpoderes
		10. Criaturas de conquista

Fonte: adaptado do Feral Atlas (www.feralatlas.org).

No Feral Atlas, Mike Sugarman apresenta a trajetória do lixo na cadeia de reciclagem de *commodities* desde o plástico e isopor descartados até o surgimento de bactérias resistentes a antibióticos que emergem ao longo dessa viagem (Figura 1). No mapa, o lixo deixa de ser visto como uma entidade autônoma, isolada de outros eventos e passa a ser visto como parte de uma relação com uma infraestrutura que teve a aceleração como detonadora do Antropoceno, o ato de jogar fora (“dump”) como *tipper* (verbo) responsável pela mudança de estado e, como qualidades ferais, ficam os efeitos de legado.

Nesse esquema, muitos dos efeitos ferozes causados pelo lixo são nocivos para os seres humanos, como o surto de doenças causadas pela contaminação das águas em virtude da presença de microorganismos nas águas de lastro dos navios. Porém, os editores do Feral Atlas destacam que os efeitos ferozes nem sempre são terríveis, eles também podem ser maravilhosos. Apesar de nos últimos 500 anos, as infraestruturas provocadas pelo homem desencadearam “um conjunto de efeitos selvagens catastróficos que colocam em risco a vida em escala planetária” (Tsing et al., 2020), neste artigo gostaria de destacar a prática cartonera como um efeito feral positivo.

A crise dos Tigres Asiáticos, no final dos anos 1990, gerou uma crise financeira mundial causando eventos e efeitos ferais não planejados. Na Argentina, por exemplo, o período de recessão que teve início a partir de 1997 foi marcado pelo aumento do número de pessoas desempregadas, da fome, pobreza e miséria fazendo com que um maior número de pessoas se dedicasse a catar lixo nas ruas como forma de sobrevivência. É nesse momento de crise que surge a primeira cartonera, o coletivo Eloísa Cartonera, em Buenos Aires, uma editora que utiliza o papelão catado do lixo para produzir capas de livros.

113

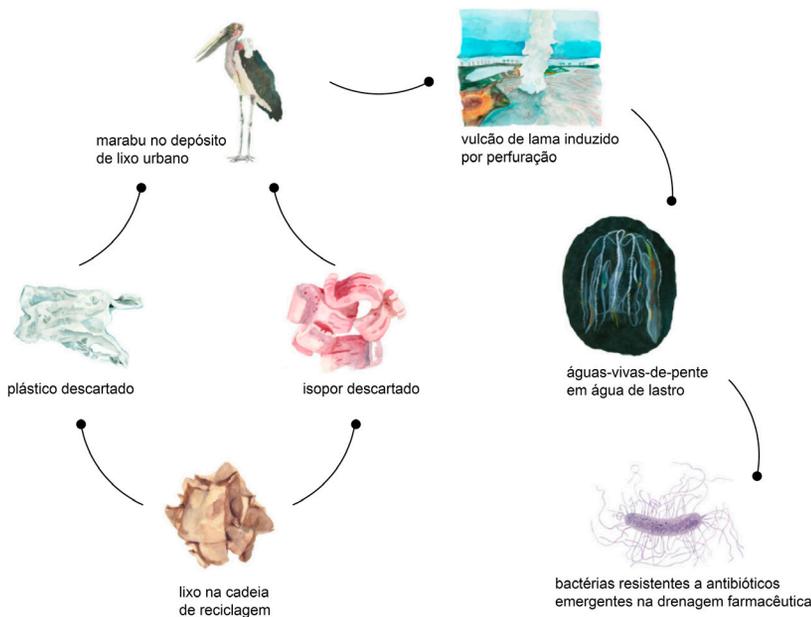
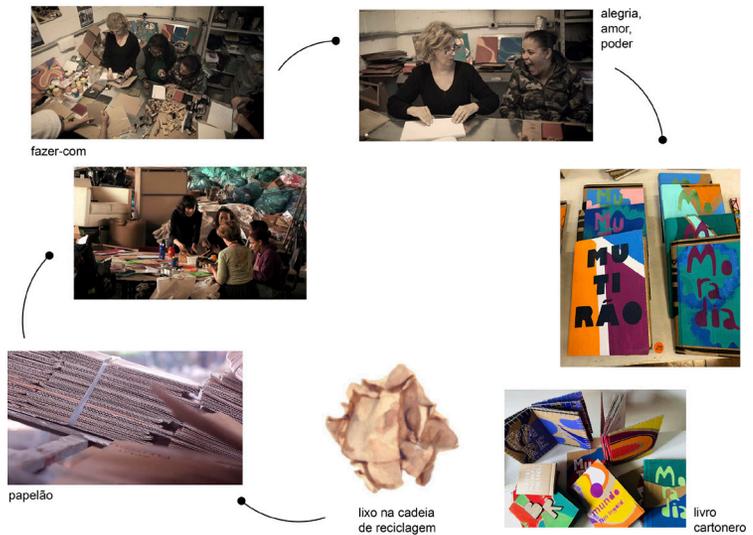


Figura 1. Entidade feral lixo e os efeitos ferozes. Fonte: adaptação de Tsing et al. (2020).

Figura 2. Entidade feral lixo e seu efeito feroz.
 Fonte: composição feita pela autora a partir de frames de vídeos disponíveis no YouTube.⁶



Longe de uma romantização, a crise fez emergir e fortalecer movimentos coletivos, de solidariedade e organizações de cooperativas de modo que as práticas artísticas se tornaram ainda mais coletivas, realizadas em conjunto a fim de superar a individualidade em prol de uma proposta comum. É nesse contexto que surge o coletivo Eloísa Cartonera como forma de enfrentar a crise e gerar renda para um grupo de cartoneros (Noury, 2021b). Assim, o surgimento e expansão da prática cartonera pelo mundo pode ser considerado o efeito feral da crise financeira mundial no final dos anos 1990, um evento não planejado resultado desse projeto humano de desenvolvimento e acumulação que causou um impacto social: o desemprego.

Podemos entender que a prática cartonera, que surge a partir de uma crise econômica e da coleta de materiais recicláveis, teve como detonadores o “Capital” e a “Aceleração”. Os *tippers* “Pegar” e “Canalizar” podem ser compreendidos a partir do recolhimento do lixo nas ruas e sua canalização para um projeto editorial que dá voz a escritores à margem do mercado editorial e que possibilita que outras histórias sejam contadas. Identificamos ainda três qualidades ferais: “Ambiente tóxico”, “Acelerado pelas mudanças climáticas” e “Efeitos de legado”, que referem ao ambiente da cooperativa de material reciclado e seu poder de contaminação para a formação de outros núcleos cartoneros, além de toda quantidade de lixo coletada e transformada diariamente. Os efeitos de legado podem ser associados tanto ao resultado da produção cartonera, o livro, quanto ao seu poder de contaminação e transformação não só do lixo em livro, mas da relação dos catadores com a sociedade.

A feralidade da prática cartonera não está apenas na não domesticação imposta pelo mercado editorial, mas, sobretudo, pela prática simpoiética e multiespécie, uma prática de amor. Para pensar a prática cartonera como uma prática de amor, entendemos o amor a partir da elaboração de Hardt e Negri (2016), como um ato material, político. O amor pensado juntamente com o pobre é um processo de produção do comum e de produção da subjetividade. O pobre não está relacionado à falta e à carência material, mas ao poder que surge a partir da solidariedade, da cooperação, do cuidado com o outro

6. Referências das imagens presentes na Figura 2: Lixo na cadeia de reciclagem: feralatlas.org
 Papelão: Dulcineia Catadora -Desvendar Mistérios - Paulo Bruscky. Disponível em: www.youtube.com/watch?v=12Wz8zUoDe4&t=2s
 Fazer-com: Cartoneras: Communities without Borders. Disponível em: www.youtube.com/watch?v=Eti8X9Nxiko&t=33s
 Alegria, amor, poder: Cartoneras: A documentary on cardboard publishing in Latin America. Disponível em: www.youtube.com/watch?v=fzZESHyabl&t=743s
 Livro cartonero: www.dulcineiacatadora.com.br/

e da criação de comunidade. “Quando nos juntamos, quando formamos um corpo social mais poderoso que qualquer de nossos corpos individuais separadamente, estamos construindo uma subjetividade nova e comum” (Hardt & Negri, 2016, p. 204).

Pensar a prática cartonera como uma prática de amor é “pensar no amor como uma experiência compartilhada de se tornar com, de prestar atenção, de gerar vínculos interessantes, de exercer a responsabilidade com quem nos faz ser” (Torres, 2019, p. 11). A prática cartonera é uma prática simpoiética porque somos todos seres simpoiéticos, que fazemos-com (making-with), nunca sozinhos, sempre com. Uns com os outros, como em um composto (Haraway, 2016).

Fazer alianças é uma maneira de permanecer ou de fazer mundos em meio à catástrofe mesmo sabendo da possibilidade de fracasso. “Estou profundamente comprometido com as possibilidades mais modestas de recuperação parcial e de continuarmos juntos. Chame isso de ficar com o problema” (Haraway, 2016, p. 10). Fazer alianças é re-imaginar o mundo com a habilidade de cultivar mutuamente a capacidade de dar respostas. Fazer alianças com núcleos cartoneros e pensar-com esses coletivos é uma maneira de contar outras histórias para habitar e permanecer no mundo, sobretudo em tempos de turbulência. Através dos núcleos cartoneros é possível reativar o poder do coletivo e imaginar outros mundos possíveis.

Entendendo que o cosmos “designa o desconhecido que constitui esses mundos múltiplos, divergentes, articulações das quais eles poderiam se tornar capazes, contra a tentação de uma paz que se pretenderia final” (Stengers, 2018, p. 447), acreditamos que uma outra cosmologia é possível e que, a partir da aliança entre esses seres que habitam mundos múltiplos — catadores, artistas, escritores, lixo, papelão — emergem outras formas de projetar e de viver.

115

3. Considerações finais

Nesse artigo buscamos apresentar a ideia da prática cartonera como um efeito feral do Antropoceno. Chidi destaca que “eventos e efeitos ferais se tornam visíveis quando buscamos e observamos as infraestruturas do Antropoceno” (Chidi, 2020, p. 4), ou seja, nos efeitos materiais não planejados dos empreendimentos humanos de grande escala nas paisagens e ecologias. Anna Tsing (2021) utiliza o termo infraestrutura para se referir a projetos que alteram a terra, a água e a atmosfera. Nesse sentido, podemos entender o lixo como uma infraestrutura que transforma paisagens criando manchas de efeitos ferais que vão compor o Antropoceno.

O Feral Atlas explora mundos criados quando agentes não humanos se envolvem com projetos de infraestrutura humana. De acordo com Tsing (2021), seres vivos e não vivos podem ganhar novos poderes ao se associarem a esses projetos que modificam a terra, a água e a atmosfera, que no caso deste artigo estamos pensando no lixo. Ao fazer alianças com o lixo e formar núcleos cartoneros podemos pensar outras formas de viver e habitar diante dos desafios ambientais de nossos tempos. Assim, podemos pensar a prática cartonera como uma feralidade que não é destrutiva, mas que recupera paisagens destruídas — sejam elas as cooperativas, as vidas ou as vozes que emergem nos livros cartoneros.

Agradecimentos

A todos os seres que se dedicam à prática cartonera, em especial à Dulcineia Catadora. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, Brasil (CAPES), Código de Financiamento 001.

Referências

- Cançado, W. (2019). *Sob o pavimento, a floresta: cidade e cosmopolítica*. Tese de doutorado. Universidade Federal de Minas Gerais.
- Chiodi, Y. (2020). Mapas para o Antropoceno: uma guia de leitura para o Feral Atlas. *Revista ClimaCom, Epidemiologias* 7(19).
- Diegues, D. (2019). *Cartoneras: A Documentary on Cardboard Publishing in Latin America*. <https://www.youtube.com/watch?v=fzZESHygabl>
- Foucault, M. (1999). *Em Defesa da Sociedade*. Martins Fontes.
- Haraway, D. (2016). *Staying with the trouble: Making Kin in the Chthulucene*. Duke University Press.
- Hardt, M. & Negri, A. (2016). *Bem-estar comum*. Record.
- Noury, C. (2021a). *A prática simpoiética das editoras cartoneras: um coletivo de resistência em tempos de urgência*. In: Anais do II Colóquio de Pesquisa e Design – De(s)colonizando o design. Ceará.
- Noury, C. (2021b). *A prática cartonera, uma expressão do comum*. In: Anais do 10º Congresso Internacional de Design da Informação. 10º CIDI, Curitiba.
- Noury, C. (2021c). A “reexistência” das editoras cartoneras: criando outras formas de habitar o mundo. *ClimaCom – Coexistências e Cocriações* 8(20).
- Núcleo de Gestão Ambiental da Câmara dos Deputados. (2007). *Lixo e aquecimento global, qual a relação?* <https://www2.camara.leg.br/a-camara/estruturaadm/gestao-na-camara-dos-deputados/responsabilidade-social-e-ambiental/ecocamara/noticias/lixo-e-aquecimento-global-qual-a-relacao-1>
- Stengers, I. (2018). A proposição cosmopolítica. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros* 69, 442-464. <https://doi.org/10.11606/issn.2316-901x.voi69p442-464>
- Sugarman, M. (2020). Trash. In: Tsing, A. et al. (orgs.). *Feral Atlas: The More-than-Human Anthropocene*. Stanford University Press.
- Torres, H. (2019). *El llamado Del chthulu. Artes de los afectos y políticas cotidianas*. In: Ptqk, M. *Especies Del Chthuluceno: panorama de práticas para um planeta herido*. Sycorax.
- Tsing, A. (2021). O Antropoceno mais que humano. *Ilha – Revista de Antropologia* 23(1), 176-191. <https://doi.org/10.5007/2175-8034.2021.e75732>
- Tsing, A. (2015). *The Mushroom at the End of the World: On the Possibility of Life in Capitalist Ruins*. Princeton University Press.
- Tsing, A. et al. (orgs.). (2020). *Feral Atlas: The More-than-Human Anthropocene*. Stanford University Press.
- Rosa, L. (2016). *Entrevista com Lúcia Rosa*, Coletivo Dulcinéia Catadora. <https://cidadeverde.com/janelasemrotacao/75532/entrevista-com-lucia-rosa-coletivo-dulcineia-catadora>